

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE ROMA

Responsável: Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming

GUIDI, A. *Preistoria della complessità sociale*. Quadrante Laterza 107. Roma-Bari: Editori Laterza, 2000. Capítulo sexto, Tra protostoria e storia (1000-500 ca. A.C.): 194-214; 223-241.

O nascimento da escrita, ou melhor, uma sua primeira difusão capilar, que é uma coisa diversa do aparecimento de raros e isolados documentos escritos, representa o limite convencional entre a fase recente da pré-história (ou proto-história) e a história.

Com base neste critério pode-se dizer que as manifestações culturais proto-históricas se esgotam na Grécia, em grande parte da Itália centro-meridional e da Sicília e na Espanha sul-ocidental, no decorrer do séc. VIII ou, no máximo, nos inícios do séc. VII a.C., no resto da Península Itálica, na França sul-ocidental e na Espanha norte-oriental entre os sécs. VI e V a.C., em grande parte do continente apenas durante a segunda metade do primeiro milênio a.C. (ou “Idade de La Tène”, caracterizada pelo florescimento da civilização celta) se não, até mesmo, como no caso da Escandinávia, durante o primeiro milênio d.C.

A este ponto, com todo o direito poder-se-ia perguntar o porquê da escolha de um “corte” em torno de 500 a.C. para a problemática tratada neste livro.

Uma primeira resposta tem a ver com a natureza mesma do mundo celta, no qual se verifica um vasto fenômeno de unificação cultural que abarca grande parte da Europa e que, ao mesmo tempo, interfere nos desenvolvimentos das áreas mediterrânicas, tornando indispensável um tratamento à parte de sua evolução. Um segundo motivo é representado pela importância do período que se coloca em torno da metade do primeiro milênio a.C., no qual, além de diversos eventos históricos (recordemos, entre outros, o nascimento da República romana e a formação do vastíssimo império acmênida, com o conseqüente grande embate entre gregos e persas), se afirmam, seja na Europa como na Ásia, doutrinas filosóficas ou religiosas, algumas das quais (é o caso do budismo e do zoroastrismo) ainda são bem representadas.

A datação do início da Idade do Ferro na Itália e do contemporâneo horizonte centro-europeu Hallstatt B2 se baseia em diversas avaliações das sequências dendrocronológicas¹ que podem ser lidas a partir de estimativas que atribuem maior antiguidade ou períodos mais recentes. No primeiro caso, foi proposta uma data em torno de 1020 ou, o mais tardar, de ca. 1000 a.C., no segundo, oscila-se entre ca. 960 e 950 a.C. A data aqui proposta (ca. 975 a.C.) representa uma espécie de compromisso entre estas duas tendências; que ainda podem ser colocadas nos inícios do primeiro milênio a.C., neste caso, seriam os horizontes terminais da Idade do Bronze final, na Itália, da fase centro europeia Hallstatt B1 e do proto-geométrico grego e, na Escandinávia, parte do período IV (ver Fig. 1).

Encontra maior consenso a datação das fases sucessivas (também esta baseada na dendrocronologia). Podemos distinguir dois períodos, um, correspondente ao geométrico grego, com data possível entre ca. 975 e 750 a.C., o outro entre ca. 750 e

¹ Sequência cronológica baseada na contagem dos círculos formados nos troncos das árvores resultantes do crescimento anual de uma nova casca que substitui a parte externa da casca eliminada.

525 a.C. O primeiro destes períodos é considerado, em grande parte do continente, a fase final do “período dos campos de urnas”, que pode ser ainda colocado na Idade do Bronze tardia, o segundo o da fase inicial da Idade do Ferro (que na Escandinávia começa somente depois da metade do primeiro milênio a.C.), ou “período de Hallstatt”. Recentemente foi publicada uma datação dendrocronológica muito alta² (ca. 775 a.C.) relativa a uma rica tumba com carro que continha objetos comuns nas fases iniciais do período de Hallstatt; o fato de que seu mobiliário encontre algum confronto também em contextos do final do período dos campos de urnas, sugere manter ainda como “divisor de águas” entre os dois períodos a metade do séc. VIII a.C.

Uma subdivisão ulterior é possível, no âmbito do período mais antigo, entre o horizonte inicial da primeira Idade do Ferro (Primeiro Ferro), a fase Hallstatt B2, o geométrico antigo e parte do geométrico médio, a última parte do período IV escandinavo (ca. 975-850 a.C.) e o horizonte recente da primeira Idade do Ferro (Primeiro Ferro 2), a fase Hallstatt B3, parte do geométrico médio e o tardio, o período V (ca. 850-750 a.C.).

No que, entretanto, diz respeito ao período mais tardio, que na Escandinávia corresponde ao período VI, podemos distinguir a terceira (Primeiro Ferro 3) e a quarta fase (Primeiro Ferro 4) da primeira Idade do Ferro da Itália setentrional, correspondente respectivamente a Hallstatt C (ca. 750-625 a.C.) e a Hallstatt D (ca. 625-525 a.C.).

1. Formas de organização proto-urbana e proto-estatal

A documentação convergente da arqueologia e das fontes literárias, que para as fases mais recentes da proto-história nos falam de reis, cidades e povos, foi por longo tempo sub-avaliada pelos estudiosos, habituados a uma leitura “tradicional” que privilegia o evento da formação das primeiras cidades-estados gregas, as *pòleis*, como elemento chave do nascimento de um tipo de sociedade complexa depois difundida no resto do Mediterrâneo e, só num segundo momento, na Europa temperada.

Esta atitude, de qualquer modo apropriada também por quem utiliza a abordagem teórica do “sistema-mundo”, com um “centro” primeiramente grego e posteriormente mediterrâneo e uma “periferia” européia (Sherrat 1993), hoje parece seriamente em crise exatamente graças aos estudos e às descobertas efetuadas na Itália, de modo particular na Etrúria meridional; é aqui, de fato, que a documentação arqueológica nos permite identificar as primeiras cidades da Europa ocidental, cujo nascimento pode-se datar entre o final do II milênio e o início do I milênio a.C.

Com poucas exceções, as cerca de 80 vilas do final da Idade do Bronze, de dimensões médias compreendidas entre 5 e 6 hectares, são abandonadas em concomitância com a formação dos seis centros proto-urbanos de Veios, Cerveteri, Tarquínia, Vulcis, Bisêncio e *Volsinii* (atual Orvieto), sendo todos em planaltos (com exceção de Bisêncio, que surge em torno das alturas que dominam o lago de Bolsena), já ocupados por pequenos núcleos nos períodos precedentes e de grandeza oscilante entre os 100 e os 150 hectares (Fig. 2a).

O nosso conhecimento desses centros está ainda apoiado, na maior das vezes, nos materiais coletados em superfície por diversos estudiosos. Podemos imaginar que alguns desses, como Traquínia e Vulcis, estivessem já formados no final da Idade do Bronze, outros nas fases iniciais da primeira Idade do Ferro; no arco de uma ou duas gerações este impressionante processo de “incorporação” da população, de qualquer forma, deve ter

² A qualificação “alta” refere-se a uma maior antiguidade, em contraposição à qualificação “baixa”, ou seja, de período mais recente.

sido completado, dando lugar a um sistema de assentamento no qual, ao lado dos *central places*, que controlavam territórios de cerca de 1500 km², são documentados só poucos povoados menores, frequentemente situados na costa e, sobretudo ligados às exigências comerciais dos grandes agregados proto-urbanos (Fig. 2b).

Longamente discutiu-se se esses centros têm, desde o início, uma fisionomia unitária ou se se trata de um conjunto de vilas distintas que se reúnem apenas numa segunda fase, por um processo de “sinecismo”. Os dados mais recentes demonstram que se trata de um falso problema; a distribuição do material arqueológico indica, de fato, uma ocupação do tipo de “manchas de leopardo”, com grupos de cabanas alternados a espaços vazios (Fig. 3), segundo um modelo que parece muito bem estar de acordo com as fontes que, no caso de Roma, falam de uma distribuição de terras aos homens anciãos (*paterfamilias*) de cada família. Escavações recentes, efetuadas em Cerveteri e Tarquínia, além disso, demonstraram como algumas tumbas e locais de culto estivessem presentes entre as cabanas; podemos, então, imaginar uma estrutura baseada em tribos territoriais (as *curiae* da tradição romana), talvez coincidentes com os distritos de origem dos grupos que concorriam à formação dos centros.

Não há prova de que esta reestruturação radical do sistema de assentamento tenha sido causada por um perigo externo, visto que a atividade colonial dos fenícios e dos gregos se desenvolve apenas no decorrer da primeira Idade do Ferro; também a velha hipótese de uma espécie de “substituição étnica” não se sustenta mais, à luz dos numerosos elementos de continuidade entre a cultura material proto-vilanoviana (da Idade do Bronze final) e vilanoviana (da primeira Idade do Ferro). Hoje entre os estudiosos prevalecem duas teorias, que poderemos definir como “continuista” e “revolucionária”.

A primeira, que se baseia na constatação de que cada centro é o resultado da fusão de 15-20 vilas da fase precedente, parte da idéia de que uma tal decisão seja impensável sem um atento planejamento por parte das elites proto-vilanovianas e implica a existência de organismos supra-locais que ligavam entre si os distritos territoriais isolados (Colonna 1988; Guidi 1992; Bietti Sestieri 1997). A segunda, mais articulada, prevê um contraste entre diversas “fações” das elites da Idade do Bronze final resolvido por algumas delas com a ocupação dos grandes planaltos sobre os quais teriam, pela primeira vez, designado a terra aos grupos familiares isolados, inaugurando um sistema destinado a atrair as populações das montanhas da Idade do Bronze final, levando ao seu abandono definitivo (Peroni 1989; Pacciarelli 1994; Carandini 1997).

Esta segunda hipótese encontraria sua justificativa na documentação das mais antigas necrópoles vilanovianas, caracterizadas por um substancial igualitarismo dos mobiliários, constituídos por vasos bicônicos (cinerários), nos quais eram conservados os restos cremados do defunto, e por poucos outros objetos. Na realidade, notou-se que as armas e ornamentos de ouro, de âmbar e pasta vítrea, costumeiramente são raríssimos e que em cada necrópole a porcentagem de tumbas localizadas num abrigo especial de tufo, no interior de um pequeno poço, não supera jamais os 20% (Delpino 1995). Em Tarquínia, em particular, a maioria das tumbas masculinas tem como cobertura do vaso bicônico uma tigela, poucas com o elmo de cerâmica que indica claramente a posição de guerreiro, apenas cinco são distinguidas com a urna cinerária em forma de cabana (ou urna em cabana), talvez reservada aos *paterfamilias*; entre as mulheres, para as quais alguns mobiliários com fuso e roca indicam um papel particular, destaca-se uma tumba numa caixa lítica com 41 fíbulas, das quais uma de ouro. Ao lado destes dados deve ser reforçado o caráter fundamentalmente igualitário do rito da cremação e, de qualquer forma, é o caso de se perguntar se os grupos dirigentes dos primeiros centros

vilanovianos achassem “conveniente” destacar o próprio papel com exposições de luxo inúteis na nova situação em que deviam gerir as atividades de milhares de indivíduos.

Já no final da fase inicial da primeira Idade do Ferro aumentam sensivelmente os mobiliários “ricos” (sobretudo femininos), em que estão frequentemente presentes objetos importados da Sardenha. Com a fase recente, na qual se afirma o rito da inumação e se intensificam os contatos com as primeiras colônias gregas, é possível definir em todos os cemitérios verdadeiras agregações familiares aristocráticas, com tumbas ricas de chefes guerreiros, mulheres e crianças, circundadas de outras mais modestas. Em Veios, na necrópole das Quattro Fontanili, conhecemos pelo menos três tumbas de homens sepultados com o velho rito da incineração, caracterizadas pela presença dos mobiliários mais ricos, que, além do armamento completo (espada, machado, ponta de lança, elmo, escudo, arreios de cavalo) continham dezenas de vasos, escaravinhos egípcios, copas gregas e espetos e alares (apoio para espetos e objetos nas lajeiras) utilizados no banquete fúnebre (Fig. 4).

O aumento impressionante das sepulturas deste período indica um forte crescimento demográfico que deveu comportar a superação da organização “por lotes” dos centros vilanovianos e a definitiva afirmação de formas de propriedade privada da terra; a fase recente da primeira Idade do Ferro é, além disso, caracterizada por uma colonização capilar do território, com a formação de um sistema articulado de assentamento com três ou quatro níveis, no interior de um território de cada cidade-estado, perfeitamente funcional ao sistema de tributos necessário para manter uma quantidade crescente de “não produtores” (as elites, os guerreiros, os artesãos em tempo integral) que constitui o elemento mais importante dos primeiros sistemas estatais.

Alguns dos mobiliários funerários do final da primeira Idade do Ferro, como a célebre tumba tarquinense do Guerreiro, exibem um luxo que já prepara o aparecimento das fastosas tumbas “orientalizantes” da segunda metade do VIII e do séc. VII a.C.; em Tarquínia, as escavações na área da cidade antiga por Maria Bonghi Jovino demonstraram como já no final da fase recente da primeira Idade do ferro os edifícios em bloco de tufo substituem as cabanas. Exatamente no nível compreendido entre um destes edifícios e aquele sucessivo, do séc. VII a.C., foi efetuada uma importante descoberta: um “rito” de fundação constituído por uma fossa em que estavam depositos três excepcionais objetos de bronze (um machado, um escudo e uma longa trompa em forma de lituo, o bastão recurvo etrusco), verdadeiras insígnias do poder da elite (Bonghi Jovino, Chiaromonte Trerè 1997).

O grau de complexidade atingido pelos centros proto-urbanos etruscos no período em que, tradicionalmente, os estudiosos datam o nascimento das *pòleis* (Snodgrass 1986; Morris 1987), pareceria derrubar o esquema interpretativo até hoje aceito, com o surgimento do fenómeno urbano na Itália quase dois séculos antes do que na Grécia. Na realidade, alguns testemunhos excepcionais do período proto-geométrico, o ainda insuficiente conhecimento da estrutura dos povoados e a necessidade de elevar³ a cronologia tradicional são todos elementos que poderiam fazer reconsiderar a dinâmica da formação das primeiras cidades-estados helênicas.

Ian Morris, autor de uma das mais importantes contribuições sobre a evolução do costume funerário na Grécia arcaica, em que sustenta a tese da afirmação definitiva do direito de sepultura generalizado, na segunda metade do séc. VIII a.C., como ato de nascimento da cidadania formal (Morris 1987), retornou ao argumento recentemente, analisando em particular as transformações que se podem perceber, a partir dos inícios do I milênio a.C., em diversas regiões da Grécia (Morris 1996, 1997). Afora a existência

³ Colocá-la num período mais antigo.

de fenômenos precoces de agregação urbana já nos inícios da Idade do Ferro na Jônia e nas ilhas do Egeu, Morris acentua um achado excepcional, efetuado em Toumba, próximo de Lefkandi, na Eubéia.

Aqui, em uma sepultura de casal do período proto-geométrico, os ossos de um homem e as suas armas estavam contidos em uma ânfora de bronze cipriota do séc. XII a.C.; a mulher, inumada, estava adornada com diversas jóias de ouro, uma das quais, proveniente da Babilônia, com datação dos inícios do II milênio a.C. Ao lado estavam sepultados quatro cavalos, enquanto sobre a tumba havia sido deposta uma grande cratera cerâmica e, sobretudo, havia sido construído um edifício com abside de mais de 50 m de comprimento, uma espécie de “régia funerária”, depois destruída e recoberta por um túmulo (Fig.5). Em torno desta tumba, definida como “heróica” por Morris, se desenvolve uma sequência de sepulturas com ricos mobiliários que chega até a primeira metade do séc. IX a.C., prova evidente do desenvolvimento de uma *gens* aristocrática.

Também Anthony Snodgrass tentou uma nova síntese dos dados conhecidos sobre a fisionomia dos povoados da “idade obscura”, distinguindo entre esses muitas vilas de dimensões limitadas e poucos grandes centros destinados a transformarem-se nas cidades de época histórica, postos em sítios abertos e caracterizados por um assentamento ralo, como Atenas, Corinto, Argos (sobre uma concentração proto-urbana neste sítio entre os sécs. X e IX a.C., ver Whitley 1991), Iolco e Smirna, cuja documentação indicaria a formação precoce de uma sociedade estratificada, caracterizada pela hereditariedade do cargo de chefe (Snodgrass 1996). Foi justamente observado como exatamente este tipo de assentamentos seja em algum modo comparável aos grandes aglomerados proto-urbanos etruscos (Carandini 1997: 486-87); nesta ótica, o dado da presença, em Atenas, de sepulturas na área do povoado até o final do período geométrico, longe de ser uma prova contrária à formação da cidade antes desta época, concorda com o que conhecemos para a estrutura de alguns centros vilanovianos.

Ao sul do Tibre, o processo de formação urbana apresenta características diversas daquele que se pode reconstruir para a Etrúria. As grandes concentrações proto-urbanas parecem no decorrer da fase inicial da primeira Idade do ferro sobre planaltos de dimensões menores, em torno de 50 hectares, frequentemente ocupados desde a Idade do Bronze média; alguns deles, além disso, como *Gabii* e Ardea, no séc. VII expandem-se ulteriormente, atingindo uma extensão de mais de 80 hectares. A característica gradual deste processo é testemunhada pela continuidade substancial de vida de muitos povoados do final da Idade do Bronze e dos inícios da Idade do Ferro; mesmo no Lácio, também, entre o final do séc. IX e os inícios do séc. VIII, é possível identificar uma hierarquia articulada de assentamentos com três ou quatro níveis.

As necrópoles com ritos mistos (incineração e inumação) indicam uma situação análoga àquela já examinada para a Etrúria. A maior delas, Osteria dell’Osa (ca. de 600 tumbas), que gravita em torno do povoado em formação de *Gabii* escavada em anos recentes por Anna Maria Bietti Sestieri (Bietti Sestieri 1992a, b), na fase inicial da primeira Idade do Ferro é caracterizada por grupos de sepulturas relacionados respectivamente a duas “linhagens” diferenciadas por elementos diversos da estrutura sepulcral e pelo mobiliário (Fig. 6). O fato de que as maiores diferenças identificáveis no rito e nos mobiliários sejam ligadas ao sexo e à idade dos defuntos, fez levantar a hipótese de uma estrutura essencialmente igualitária; de qualquer forma, deve ser notado como nos agrupamentos mais antigos (norte e sul) o centro seja ocupado por tumbas de incineração masculinas “ricas” (em Osa, o rito e a utilização da urna cabana são reservados aos homens) e como no interior de cada uma delas haja apenas uma sepultura de portador de espada, papel indicado por um modelinho simbólico da arma

em miniatura. Um outro agrupamento de sepulturas da fase recente da Idade do Ferro, aqui como na Etrúria distinguida pela definitiva afirmação do rito de inumação (Fig. 6), indica uma situação totalmente diferente; este, de fato, se desenvolve em torno de uma sepultura de casal “rico” e é caracterizado pela sobreposição intencional das outras tumbas, todas dispostas segundo uma orientação que é subordinada à manutenção da coesão espacial. Que o ponto focal do ritual não seja mais a pessoa isolada, mas a afiliação ao grupo e a linha de descendência parece ser demonstrado, no Lácio, pelo sepultamento de crianças em áreas habitadas, um uso associável à necessidade, por parte dos familiares, de definir e reforçar a posse do espaço por eles ocupado no interior do assentamento (Bietti Sestieri, De Santis 1985).

O evento mais importante que se verifica na área médio-tirrênica, pelas consequências que terá, é, porém, o nascimento de Roma. O povoamento difuso da área posta em torno ao mais importante vau do Tibre, com grupos de cabanas alternadas a cemitérios, já no final da fase inicial da primeira Idade do Ferro (época do deslocamento da necrópole mais importante do Fórum para o Esquilino) dá lugar a um grande centro proto-urbano que os achados da fase recente revelam ter a extensão em torno de 100 hectares, isto é, comparável aos mais importantes povoados vilanovianos. As escavações realizadas por Andrea Carandini permitiram identificar um primeiro muro de fortificação do Palatino que, com base na cronologia atual, pode ser atribuído à metade do séc. VIII a.C., uma época que coincide, significativamente, com a data (753 a.C.) que a tradição relata para a fundação da cidade.

O que sabemos da Etrúria setentrional não permite ainda reconstruir a evolução do povoamento nesta área; de qualquer forma, deve ser destacado o fato de que, pelo menos em um caso, o de Vetulônia, a área defendida ocupada pelo povoado vilanoviano parecia ser de 35-40 hectares, segundo um “módulo” de dimensão análogo àquele dos centros proto-urbanos laciais (Pacciarelli 1994).

Escavações e pesquisas dos últimos anos demonstram como o processo de formação das primeiras entidades urbanas e estatais tenha sido difundido a partir da área “nuclear” médio-tirrênica em grande parte da Itália central no decorrer da Idade do Ferro avançada. É o caso da Sabina (o território compreendido entre o Tibre e o Aniene), onde, na margem esquerda do Tibre gravitam, nas fases recentes da primeira Idade do Ferro, diversos povoados pequenos de dimensões entre 1 e 5 hectares, distando entre si entre 6-8 km. No séc. VII alguns destes, como *Cures Sabini*, a cidade recordada pelas fontes por ter dado os nascimentos a Tito Tácio e a Numa Pompílio, assumem um caráter de centros proto-urbanos, de grandeza compreendida entre os 20-30 hectares, com controle de territórios com mais de 100 km² e no vértice de um sistema de povoados com três níveis.

Enquanto os escassos dados relativos às Marcas pareceriam indicar o predomínio, na primeira Idade do Ferro, de formas de povoamento difuso, com poucas exceções, entre os quais se destacam Fermo e o grande povoado de Ancona, que já no séc. VIII a.C. constituem centro proto-urbanos de discretas dimensões, nos Abruzos, graças às escavações dirigidas por Vincenzo D’Ercole, conhecemos centros que se desenvolvem segundo um modelo diverso daquele etrusco e lacial, em grupos de duas ou três alturas, em torno aos quais dispõem-se diversas grandes necrópoles de tumbas com túmulos. Na mais importante, Campovalano di Campli, onde somente na fase recente da primeira Idade do Ferro emergem, por importância, algumas sepulturas, no séc. VII a.C., é possível individuar túmulos com ricas tumbas dos chefes guerreiros e de suas companheiras – no centro dos quais costumeiramente se encontra uma deposição mais antiga de uma mulher anciã –, com face para uma verdadeira “estrada” sepulcral. O processo se completa no séc. VI a.C., época em que grupos de túmulos estão mais

distanciados uns dos outros, quase a indicar uma subdivisão da necrópole em “lotes” de propriedades das famílias isoladas. Da mesma época, de resto, é datada a conhecida estátua do guerreiro de Capestrano, originalmente colocada sobre um túmulo, sobre o qual foi posta uma inscrição dedicada a um indivíduo definido como “rei”, incisa na pequena pilastra da base.

Quão avançado fosse o processo de diferenciação social, mesmo nas zonas mais internas, demonstra-o a excepcional descoberta realizada em Borgorese, na fronteira entre o Lácio e os Abruzos. Aqui, sobre um pequeno túmulo de 11 metros de diâmetro, com uma tumba da fase recente da primeira Idade do Ferro, foi construído um muito maior (50 m de diâmetro) no séc. VII a.C., que continha sepulturas em grande parte atribuíveis a guerreiros; a estrutura, que se tornou mais monumental ainda no séc. VI a.C., com um círculo de lajes, e utilizada até o séc. III a.C., pode ser definida como uma espécie de auto-celebração de uma *gens* aristocrática.

É característica de muitos estados arcaicos a criação de “postos avançados”, desde as primeiras fases de seu desenvolvimento; já no decorrer do séc. X a.C. (em base à nova cronologia) é documentada a fundação destas “colônias”, por parte dos centros proto-urbanos vilanovianos, seguindo duas direções.

A primeira, para o sul, leva ao nascimento de três centros campanos – Cápua, Pontecagnano e Sala Consilina – que apresentam características estratégicas e habitacionais (entre 100 e 150 hectares) semelhantes àquelas dos grandes povoados vilanovianos; também neste caso as necrópoles das fases iniciais dão a impressão de uma sociedade “igualitária”, desmentida por uma atenta análise (veja-se a exiguidade das tumbas com elmo cerâmico ou daquelas com uma proteção particular, dita “receptáculo”), enquanto, a partir do séc. IX a.C., fazem-se sempre mais evidentes diferenças entre os mobiliários, os mais ricos dos quais são marcados pela presença de numerosas manufaturas de importação fenícia e, sobretudo, grega.

A radical obra de colonização das regiões costeiras de grande parte da Itália meridional e da Sicília por parte dos gregos e fenícios foi, precisamente, há muito identificada como a causa principal de um substancial golpe de interrupção na evolução da complexidade social nessas regiões. De fato, os testemunhos funerários indicam, de todo modo, o desenvolvimento de uma forte diferenciação nas necrópoles da primeira Idade do Ferro, na direção da formação de *gentes* aristocráticas (vejam-se, sobretudo Torre Galli e os cemitérios mais recentes de Torre del Mordillo e Francavilla Marittima, na Calábria, ou a conhecida tumba em *tholos* com prato de ouro ricamente decorado de S. Angelo Muxaro, na área de Agrigento). É muito menos clara a evolução do assentamento; centros importantes como Canosa, Salapia, Gravina, Cavallino, na Apúlia, ou Monte Realmese e Finocchito e as mais recentes Segesta e Morgantina, na Sicília, não parecem poder competir, por dimensões e por capacidade de atração das trocas, com as grandes fundações coloniais.

Para o norte, a fundação de centros vilanovianos colocados além dos Apeninos é atestada, sobretudo, em Bolonha e em Verucchio. Pela sua posição, destinada a tornar-se o principal nó “estratégico” para as trocas entre o Mediterrâneo e a Europa central no séc. VII a.C., Bolonha, que surge em uma área no início ocupada por duas ou três vilas, no decorrer da fase recente da primeira Idade do Ferro já constitui um centro unitário com a extensão de pouco menos de 300 hectares (Fig. 7; pense-se que Roma somente no séc. VII a.C. chega à mesma grandeza), com o domínio de um articulado sistema hierárquico de povoados menores. Mais ainda do que nas necrópoles, que parecem espelhar a formação de famílias aristocráticas, com mobiliários em que o elemento de maior prestígio é o vasilhame de bronze, em torno ao qual se dispõem sepulturas mais modestas, o elemento que mais impressiona é o gigantesco esconderijo (tesouro) de São

Francisco, deposto no final do séc. VIII a.C., contendo 15.000 objetos de bronze, com um peso total de 1.400 quilos. No período de sua descoberta, em 1877, o tesouro foi interpretado como um acúmulo de metal para ser refundido, a uso da comunidade; recentemente, Giovanni Colonna estudou a inscrição incisa em um lingote de bronze, interpretando-a como nome de pessoa, a prova de que a imensa quantidade de metal era propriedade de uma única pessoa ou de uma família.

Verucchio surge sobre um bem equipado rochedo da área de Rimini, com extensão de 50 hectares; as escavações do povoado trouxeram à luz dois importantes depósitos votivos. Um é um grande poço com a profundidade de mais de quatro metros, com materiais cerâmicos e bronzes com datação possível entre os sécs. VIII e V a.C., o outro, ainda mais interessante pelas analogias com o achado contemporâneo de Tarquínia, é constituído por três grandes escudos de bronze, datáveis do final da fase recente da primeira Idade do Ferro. No que diz respeito às necrópoles, as mais antigas das quais contêm tumbas em poço bem comparáveis àquelas vilanovianas, uma análise recente daquela colocada sob a rocha, permitiu distinguir, entre as sepulturas do séc. VIII a.C., grupos que se reúnem em torno a guerreiros com armadura complexa e a mulheres em cujo mobiliário figuram também os freios equinos, prova evidente da incipiente formação de uma classe aristocrática à qual são atribuíveis os mais ricos mobiliários do séc. VII a.C., caracterizados pela presença de objetos de prestígio, como o conhecido trono de madeira cujas incisões representam cenas da vida cotidiana.

Levantou-se a hipótese de que a formação dos centros proto-urbanos atestinos (relativos a Este), na Itália norte-oriental, seja uma espécie de reação ao perigo de expansão dos potentes vizinhos bolonheses (Bietti Sestieri 1996a). Na realidade, a formação e o desenvolvimento das *politie* de Fratesina e Montagnana no final do II milênio a.C. constitui o *hinterland* no qual se insere a origem de Este e Pádua. Estes grandes povoados, que no decorrer da primeira Idade do Ferro atingem uma fisionomia unitária e uma extensão que gira em torno de 100 hectares (Fig. 8), distam entre si cerca de 30 km, e se calculou que alguns de seus “satélites” se encontram bem a uns 50 km de distância. Na metade desta hierarquia territorial estão outros centros do Vêneto da fase recente da primeira Idade do Ferro, caracterizados pela presença de bairros artesanais e estradas, como Oderzo (50 hectares), Oppeano Veronese (70 hectares) e Concórdia (40 hectares). As escavações e as pesquisas dos últimos anos, além disso, permitiram distinguir, a leste do Tagliamento, a presença de grandes povoados de um período ligeiramente mais recente, em Palse (40 hectares) e em Montereale Valcellina (mais de 20 hectares), numa área que podemos considerar como “periferia” do mundo vênето.

Novamente, como testemunho de uma tendência “igualitária” que reúne todas as necrópoles das fases iniciais dos centros proto-urbanos, as sepulturas da primeira Idade do Ferro não parecem mostrar grandes diferenças até o final do séc. VIII a.C., época em que emergem alguns mobiliários, sobretudo de homens armados, no âmbito de tumbas de casais ou famílias “ricas”. Em contexto atestino a incineração constitui o rito dominante até a Idade do Ferro avançada. As cinzas eram depositadas em ossuários cerâmicos (os de bronze, presentes excepcionalmente em tumbas masculinas ricas, comparecem nas femininas só a partir do séc. VII a.C.) colocados em caixas líticas, por sua vez englobadas em estruturas circulares cobertas por túmulos. A análise da necrópole de Casa di Ricovero, em Este, permitiu reconhecer, entre os sécs. VIII e VII a.C., uma clara evolução (coincidente com o período de maior diversificação dos mobiliários) na direção da formação de túmulos sempre maiores, que englobavam a maior parte das tumbas.

Um último exemplo de formação de centros proto-urbanos é atestado pela cultura de Golasecca, na Itália norte-ocidental. Até recentemente a única evidência de

complexidade conhecida para esta área era constituída pelos mobiliários funerários que documentavam a presença, no final da fase recente da primeira Idade do Ferro, de tumbas com restos de carro ou carrinhos votivos e serviços de mesa de cerâmica e de bronze. As escavações e, sobretudo, as pesquisas de superfície conduzidas nos últimos anos permitiram distinguir um primeiro grande povoado do séc. VII a.C. em Castelletto Ticino, sobre um rochedo que domina a alça do rio; ainda mais impressionante é a situação de Como (Fig. 9), cuja extensão atinge, no séc. VI a.C., os 150 hectares. Também no caso da área de Golasecca, podemos imaginar que uma área imediatamente periférica fosse a Ligúria, onde já no séc. VII a.C. necrópoles como a de Chiavari, formada por recintos de lajes quadrangulares, mostram o emergir de alguns mobiliários; o primeiro centro proto-urbano da região, Gênova, é agora datado dos inícios do séc. V a.C.

A Grécia e grande parte da Península Itálica, no decorrer da Idade do Ferro, conhecem, portanto, uma profunda mudança social, com o desenvolvimento de organismos proto-estatais, em cujos vértices está uma elite composta por famílias aristocráticas das quais provêm os chefes aos quais são atribuídas verdadeiras funções reais e cujo poder se funda sobre a tríplice legitimação da força (com o aparecimento daqueles que poderemos definir como os primeiros exércitos), do direito (vejam-se os testemunhos das fontes literárias sobre as leis emanadas nas primeiras cidades), e, como veremos, da religião.

Os centros proto-urbanos são o coração pulsante da nova estrutura estatal, motor da produção agrícola e artesanal e da troca. A este propósito deve ser destacado o fato de que, ao lado dos últimos desenvolvimentos da metalurgia (difunde-se agora, progressivamente, o trabalho do ferro, matéria-prima muito mais comum do que o cobre e o estanho) o torno do oleiro aparece, entre os sécs. VIII e VI a.C., em quase todos os territórios. No contexto dos circuitos de troca assumem agora grande importância aqueles de bens de prestígio entre chefes, enquanto o progressivo desaparecimento de formas de acumulação de riqueza sob formas de metal, como os tesouros, cede o lugar, por volta da metade do I milênio a.C., à circulação das primeiras moedas (como exemplo o *aes* e o *aes signatum*).

* * *

2. Etnicidade e complexidade social

No manual de 1984 *Prehistoric Europe*, Timothy Champion sugeriu a hipótese – retomando a notável classificação proposta por Aristóteles e feita própria por diversos estudos sobre a Grécia arcaica – que, na Europa mediterrânea, teriam existido, no primeiro milênio a.C., duas formas diferentes de estado, um tipo próximo à *polis* e o outro com base “étnica”. Este último, “embora compreendesse uma variedade de estruturas, tendia a ser uma vasta unidade política, organizada sobre base inteiramente rural ou sem um centro urbano único dominante, frequentemente privado de uma autoridade central” (Champion *et al.* 1984: 259).

Diversos exemplos desse tipo de estado arcaico, em que está ausente a centralização política, se desenvolvem tanto na Itália quanto na Grécia (é o caso dos samnitas e dos macedônios) em época histórica; uma análise deles afasta-se, pois, dos limites cronológicos deste estudo. Uma situação análoga é a da Península Balcânica. ilírios, getas, dácios e trácios alcançaram um nível organizacional definível como “estatal” somente no decorrer da segunda metade do primeiro milênio a.C.; todavia, os dados arqueológicos indicam que os processos formativos desses povos têm suas raízes em épocas mais antigas. Embora predominassem os povoados de planície, é possível

ver formas iniciais de agregações no nascimento de grandes centros fortificados surgidos entre os séculos VIII e VI a.C., como Babadag e Beidaud, na foz do Danúbio, e Osanici, na Herzegovina, identificada com a antiga capital dos daorseus; as tumbas com mobiliários “principescos” de Novi Pazar e o grande túmulo de Pilatovici do final do século VI a.C., na Sérvia, ou o aparecimento de objetos de prestígio com difusão limitada, como os cintos de prata mésios, na Romênia, são testemunhos ulteriores da formação de sociedades complexas no contexto ilírico e dácio (Taylor 1994; Jovanovic 1994; Jugănaru 1996).

Há exemplos sem fim desse particular tipo de trajetória evolutiva também na documentação arqueológica da primeira metade do primeiro milênio a.C. Um “estado [...], por assim dizer, pré-político” que “se identifica com o cantão, com seu território e o seu povo”, é a definição que Giovanni Lilliu escolheu para indicar a situação da Sardenha nurágica, onde as grandes aldeias de Barumini (Fig. 10) e Palmavera mostram um verdadeiro desenvolvimento “urbanístico”, com cabanas para a reunião dos chefes que têm, no centro, miniaturas de nuragos⁴ de bronze ou de arenária, e as tumbas de gigantes são substituídas por sepulturas isoladas que frequentemente se caracterizam pela presença de objetos de prestígio. Outras características importantes dessa evolução – devida, em primeiro lugar, à necessidade de enfrentar a incômoda presença fenícia – são, como veremos, o desenvolvimento de formas de artesanato “artístico” e a ulterior evolução dos santuários (Lilliu 1986: 77; Guidi 1992). Fenômenos análogos parece terem interessado à Sicília; ali, por exemplo, o tesouro áureo de Sant’Angelo Muxaro foi relacionado à existência de formas de “monarquia sacra” dos sicanos, que ocupavam a parte centro-ocidental da ilha (Almagro-Gorbea 1994). Mas o exemplo mais interessante é, sem dúvida, o do particular desenvolvimento do mundo sita, a partir dos séculos VII e VI a.C.

A arqueologia confirmou as notícias das fontes com a descoberta, no Cáucaso (Ul’ski Aul) e na área do baixo Dnepr (Tolstaya Moglia) de grandes túmulos com sepulturas “régias” caracterizadas pelo sacrifício das mulheres dos chefes e de seu séquito e de centenas de animais (encontram-se trezentos cavalos depositados em Ul’ski Aul). Na Criméia, além da faixa costeira que interessava à colonização grega, surgiram diversos povoados protegidos onde foram encontrados objetos de prestígio de fabricação grega. A existência de graves tensões entre esse mundo “sedentário” e aquele tradicionalmente nômade das estepes é demonstrada pela descoberta da grande fortaleza de Bel’sk, localizada sobre um afluente do Dnepr, na Moldávia, do final do século VII a.C., talvez identificável com a *Gelonus* de Heródoto (Fig. 11). A muralha fortificada, com 33 km, encerrava à sua volta dois fortes de extensão superior aos 70 hectares, mais de 1.000 túmulos, diversos celeiros e pelo menos 11 núcleos habitacionais; Bel’sk devia ser um local de encontro e de escambo onde eram negociadas as alianças entre os chefes e, ao mesmo tempo, de reunião para centenas de homens em armas, realizando um papel não diferente (também para a área geográfica em que se encontra) daquele dos povoados de dimensões “gigantescas” da cultura de Tripolye (Champion *et al.* 1984; Taylor 1994).

Apesar do confronto das fontes arqueológicas, a contraposição entre sociedades dominadas pelo vínculo étnico e outras onde é mais forte o desenvolvimento da organização proto-urbana e proto-estatal mostra-se enganadora. A clara delimitação de áreas caracterizadas por formas diferentes de cultura material que se estabelece exatamente com o início da Idade do Ferro na Península Itálica (Fig. 12) é a melhor prova da importância do fator étnico nas sociedades mais complexas; é este o período no qual a documentação das

⁴ Nuragos: construção pré-histórica da Sardenha, de forma tronco-cônica e construída com grandes blocos de rocha sobrepostos e sem argamassa (N. da T.).

necrópoles nos permite identificar com segurança fenômenos como os matrimônios com mulheres provenientes de regiões longínquas (há os mobiliários com estatuetas de bronze nurágicas encontrados na Sardenha ou as fíbulas villanovianas da Sardenha) e a integração de grupos familiares únicos ou de grupos “alóctones” mais consistentes nas comunidades locais (um exemplo é o agrupamento de sepulturas com materiais da Itália meridional característico de Osteria dell’Osa). Mario Torelli observou que “não é [...] difícil imaginar como o processo de diferenciação social iniciado nas regiões mais desenvolvidas tenha levado consigo o nascimento de um correspondente processo de materialização das diferenças étnicas, tanto mais pronunciado e evidente quanto mais elevada foi a taxa de desenvolvimento nas zonas individuais” (Torelli 1988: 55; Guidi 1992; Bietti Sestieri 1992b).

Que a formação das *ethne* não seja um fenômeno imprevisto e que, pelo contrário, ela tenha as próprias raízes fixadas na Idade do Bronze tardia é uma hipótese compartilhada por diversos estudiosos; um exemplo claro é a existência de *networks* (redes) de aldeias estabelecidas em torno de determinadas unidades geográficas, como as do vale velino ou do maciço dos Montes Albanos, áreas que a tradição considera como “pátrias” originais das *ethne* sabina e latina (Pacciarelli 1986; Bietti Sestieri 1996a). Ao mesmo tempo, a definição dos diversos povos é acompanhada por uma correspondente formação de núcleos dos agrupamentos linguísticos; o mérito por ter notado a correspondência entre a delimitação das culturas arqueológicas da Idade do Ferro e a distribuição, que se cristaliza em torno da metade do primeiro milênio a.C., das principais línguas da Itália antiga é de Massimo Pallottino (Fig. 13; Pallottino 1981).

A etnicidade, portanto, é um fenômeno que precede imediatamente, acompanha e segue a formação das sociedades estatais. No primeiro milênio a.C., não diferentemente de como ocorre hoje, as comunidades locais deviam ser abertas às influências externas, no cenário de um mundo sempre mais condicionado por escambos e contatos entre as diversas partes do continente; nessas condições, a concentração dessas comunidades em torno de normas culturais (no modo de vestir, de falar ou de comportar-se) torna-se, pela primeira vez, um importante e indispensável mecanismo de coesão social.

3. Da arte à linguagem figurativa, do rito à religião

Atividades rituais e simbólicas, também extremamente complexas, caracterizam todo o desenvolvimento da pré-história européia; é, porém, só no primeiro milênio a.C. que as manifestações artísticas parecem se direcionar para a criação de uma verdadeira linguagem figurativa, frequentemente de celebração das elites, enquanto a esfera religiosa assume uma autonomia própria, feita de locais de culto urbanos e extra-urbanos geridos por uma classe de especialistas. Procurar individualizar os aspectos inovadores nesses dois campos, além disso, não pode fazer com que se esqueça o quanto eles estavam conectados entre si (pensa-se, como exemplo, nos pequenos carros “cultuais”, ao mesmo tempo obras de elevado artesanato “artístico” e objetos carregados de significados rituais), no âmbito de uma centralidade religiosa que parece ter constituído um dos aspectos estruturais das sociedades da proto-história tardia e do Período Arcaico (Carandini 1997; Torelli 1997).

Na Grécia, a complexa sintaxe decorativa da cerâmica geométrica, na origem da espetacular evolução das produções de vasilhame de mesa que se desenvolverá nos períodos sucessivos, acompanha, nas necrópoles, os objetos mais ricos (Whitley 1991).

Chefes, sacerdotes e simples guerreiros, junto com suas embarcações e objetos que equipavam as suas casas, são os temas preferidos da abundante produção de estatuetas de

bronze sardas que aparece, na ilha, no início da Idade do Ferro; entre os temas representados também devem ser citados os mitológicos, como touros androcéfalos, seres demoníacos, homens dotados com quatro olhos e quatro braços, além de representações nas quais diversos estudiosos quiseram reconhecer divindades de heróis-epônimos ecistas (= fundadores de cidades) como Iolau, Sardo e Aristeu, que traduzem a influência cultural do panteão sírio-fenício (Guidi 1992).

Também no repertório decorativo da cerâmica da Itália centro-meridional se multiplicam as figurações antropomórficas na forma de homenzinhos em pé ou sentados, às vezes humanos esboçados nas extremidades de taças e elmos de cerâmica, de ossuários com seios estilizados. Da área médio-tirrênica provém uma urna em forma de cabana que apresenta uma figurinha masculina sentada entre a parte superior da porta e o teto (Fig. 14) que foi, em algum aspecto, aproximada às figurações dos antepassados representados nos acrotérios (= elementos decorativos arquitetônicos colocados na soleira de um edifício) do “palácio” aristocrático de período arcaico de Murlo, perto de Siena. Outros objetos, como os vasos e as carroças cultuais de bronze encontrados em Biséncio, em ricas tumbas da fase recente da primeira Idade do Ferro, enriquecidos por verdadeiras representações, como danças e cortejos sacrificiais ao redor de seres monstruosos, ligadas a concepções religiosas ou, mais simplesmente, à celebração das atividades (sobretudo a caça) próprias das elites, nascem por vontade de uma encomenda que podemos, de agora em diante, definir como “aristocrática” (Menichetti 1988, 1994; Guidi 1992; Peroni 1996; Carandini 1997; Torelli 1997).

No norte, já no decorrer do século VIII a.C., alguns objetos, como o *askós* (= pequeno vaso com borda colocada assimetricamente em relação ao corpo) encontrados na necrópole de Benacci, com uma figurinha de guerreiro a cavalo e a figurinha de bronze representando um homem armado com elmo e escudo de Lozzo Atestino, no Vêneto, indicam claramente o surgimento de uma linguagem figurativa que celebra a importância da elite nascente. É porém no século VII a.C. que se desenvolve pela primeira vez, sobretudo em território atestino (e depois, no século VI a.C., na Eslovênia) uma importante produção, definida pelos estudiosos como “arte das sítulas”. Cenas da vida da classe aristocrática, representações de cerimônias, procissões de homens armados, animais reais e fantásticos constituem os elementos principais desse novo estilo (Fig. 15), resultado do enxerto, em tradições locais, de elementos da arte arcaica etrusca e da Magna Grécia. Alguns dos objetos mais apreciados, como as sítulas (= recipientes em bronze) encontradas em Este, Bolonha e Vace, na Eslovênia, ou as suas tampas, cuja difusão chega até Hallstatt (atual Salzburg, na Áustria) e Novilara, nas Marcas, levam a aventar a possibilidade de que determinados artesãos trabalhassem para mais de um “príncipe” (Capuis 1993; Peroni 1996).

Na Europa Central, o final da Idade dos Campos de Urnas se caracteriza pela difusão de elementos decorativos (que já apareciam no período precedente) derivados do motivo da “barca solar” e de suas variantes, que acompanham o rito da incineração. Só no decorrer do século VII a.C. alguns objetos de bronze da necrópole de Hallstatt indicam com clareza a emergência de uma linguagem figurativa autônoma; trata-se de broches e caldeirões decorados com figuras de bovídeos, um elemento bem conhecido (também na versão cerâmica) em diversos sítios dos Alpes orientais e da Morávia, e de uma cista (= caixa) com suporte decorado por meio de perfurações com um motivo de patos; nesse último caso, Ruth e Vincent Megaw demonstraram quão ampla era a difusão do motivo (e, por isto, do tipo de iconografia) presente em um pingente esloveno e, sobretudo, em um espeto decorado com cisnes e patos encontrado na Irlanda; de resto, salienta-se como, exatamente no século VII a.C. nasce, no Cáucaso, o estilo “animalístico”, que predominará na arte sita. Um caso a parte, do qual

analisaremos também o componente cultural, é o carro de bronze encontrado em um rico túmulo de Strettweg onde, ao redor de uma figura “divina”, mais alta que as outras, distribuí-se um séquito de guerreiros a pé e a cavalo, além de duas figurinhas de cervos, seguindo uma sintaxe que, de algum modo, relembra aquela do já mencionado carro de Bisêncio (Megaw, Megaw 1989; Taylor 1994).

Também a escultura aparece nas fases mais tardias da proto-história europeia. Em Monte Prama, perto de Oristano, na Sardenha, foram encontradas diversas estátuas de arenária, em tamanho natural, de guerreiros, pugilistas e arqueiros, associadas a tumbas de indivíduos armados e datadas da passagem entre a fase recente da primeira Idade do Ferro e a Idade do Ferro avançada (Fig. 16); sempre em âmbito funerário, as cabeças toscamente esculpidas do Monte Saraceno, na Apúlia, do século VIII a.C., constituem os antecedentes mais diretos das famosas estelas “daunias”, de idade histórica, enquanto que, ligeiramente mais recentes, são as mais antigas lajes com decorações entalhadas da necrópole de Novilara. Ao século VI a.C., enfim, pertencem tanto o “guerreiro” de Capestrano e o seu homólogo de Hirschlanden, quanto algumas esculturas encontradas em Nesazio, na Ístria (Frey 1991b; Guidi 1992; Bietti Sestieri 1996a).

O surgimento de uma atividade religiosa complexa e estruturada e a definitiva afirmação de divindades de tipo antropomórfico são fenômenos bem compreensíveis, não por acaso, sobretudo nas três áreas onde é mais evidente a concretização de modelos de organização proto-urbana e proto-estatal: a Grécia, a Itália e a Espanha sul-ocidental.

A documentação dos locais de culto helênicos mostra uma interessante continuidade com a situação da tardia Idade do Bronze; são testemunhos disso o *mégaron* de Tirinto, transformado em templo no período arcaico, e o recinto quadrangular da Idade do Ferro de Thermon, erguido sobre as ruínas de um povoado tardo-heládico e, por sua vez, transformado em templo no período arcaico. Em diversos santuários extra-urbanos da Idade do Ferro há um evidente aumento das oferendas, inclusive de proveniência estrangeira (são encontrados bronzes vilanovianos e da Itália meridional depositados em Delfos e em Olímpia); mais geralmente, uma plena afirmação dos locais de culto urbanos ocorre somente na fase tardo-geométrica (Snodgrass 1986; Randsborg 1995).

Na área médio-tirrênica, a análise de alguns objetos encontrados em uma porcentagem bem reduzida (em torno de 4%) entre os mobiliários das sepulturas de Osteria dell’Osa nos forneceu preciosas indicações sobre a existência de adeptos ao culto e seus reflexos, na documentação arqueológica, da mais antiga religião romana. Entre os artefatos de maior interesse citamos os vasos miniaturas, que constituem os materiais mais frequentes nos depósitos votivos de idade arcaica, as facas sacrificiais interpretadas por Mario Torelli como as *secespitae* das fontes literárias e, sobretudo, algumas estatuetas de cerâmica presentes exclusivamente em algumas das mais ricas tumbas masculinas. Anna Maria Bietti Sestieri levantou a hipótese de que se trata de representações de ofertantes e que a sua presença indica a função sacerdotal do defunto; Torelli, percebendo que nos casos em que é possível identificar o sexo, podem ser interpretadas como estatuetas femininas, propôs, ao invés, a identificação com a divindade arcaica de *Ops Consiva*. Também no âmbito das necrópoles vilanovianas foi observada a presença de algumas tumbas masculinas (não mais de uma por cemitério) privadas de armas mas com um elemento particular, uma longa vara de bronze decorada com pérolas de âmbar, talvez relacionada a uma função particular do defunto. Mais clara é a situação que se verifica no decorrer da primeira Idade do Ferro. A presença, nessa época, de um recinto de tijolos crus abaixo de um santuário arcaico, em Orvieto, e, no Lácio, as cabanas de Roma, Ardea, Velletri e *Satricum* (Fig. 17), também elas colocadas em correspondência com templos mais tardios, frequentemente associadas a

depósitos votivos contendo bronzes e miniaturas de vasos, são todos elementos que indicam o surgimento de verdadeiros locais de culto “cívico”. É nesse período que a aristocracia se apropria das manifestações rituais em larga escala, como parecem indicar também as ricas tumbas masculinas sem armas relacionadas, em alguns casos, a sacerdotes (Guidi 1980, 1989-90; Bartoloni 1984, 1989; Bietti Sestieri *et al.* 1989-90; Torelli 1997; Berardinetti, Drago 1997).

Uma evolução análoga das práticas culturais se conhece para a Itália setentrional, onde uma maior persistência do rito cinerário pode explicar a difusão, no início do primeiro milênio a.C., da simbologia da “barca solar”, dos carros votivos e da prática da deposição de armas nos leitos dos rios. Também no Vêneto alguns elementos próprios dos locais de culto aparecem nas sepulturas do século VIII a.C. mas, com exceção de S. Pietro Montagnon, onde seguramente alguns vasos em miniatura foram depositados já nesse período, uma primeira articulação dos locais de culto urbanos e extra-urbanos ocorre, na Emília Romana e na Itália norte-oriental, somente a partir do século VI a.C. (Dämmer 1986; Bergonzi 1989-90; Capuis 1993; Peroni 1996).

Ainda diversa é a situação da Sardenha, caracterizada por um aumento generalizado de poços e nascentes sagrados, pela construção de diversas pequenas estruturas de templos sobre restos de nuragos mais antigos, pelo desenvolvimento de alguns santuários, como Santa Vittoria di Serri e Sant’Anastasia di Sàrdara, onde, no século VIII a.C., é atestada uma verdadeira arquitetura “monumental”, exemplificada pela grande cabana de tijolos de lama que continha tronos e estátuas de divindades. Também na ilha se difunde o costume de depositar, junto com oferendas reais, dólidos, trípodas e outros objetos em miniatura. Já se falou da influência cultural fenícia; particularmente interessante é a estatueta de guerreiro encontrada em Antas, no cemitério da aldeia nurágica que precedeu à fundação de um porto fenício, cuja iconografia foi sugestivamente aproximada à do deus púnico Sid Assir (Lo Schiavo 1989-90; Ugas 1989-90; Guidi 1992; Almagro-Gorbea 1994).

A mesma matriz cultural é percebida no santuário do século VIII a.C. identificado em La Muela, no alto vale do Guadalquivir, cuja planta apresenta diversas analogias com templos do Líbano e de Chipre. Uma crescente importância dos elementos religiosos que seriam típicos do mundo ibérico é evidente também no já citado edifício de Cancho Roano, do século VI a.C., dotado de muralha ciclópica e dedicado a uma divindade feminina à qual foram dedicados um carro, os cavalos e preciosos artefatos de ouro e prata (Blazquez Martinez, Paz-Garcia Gelabert Pérez 1990; Ruiz, Molinos 1993).

O panorama ritual centro-europeu do final da Idade dos Campos de Urnas parece mais complexo do que se poderia esperar. Junto com os carros miniaturas com vasos ornitomorfos ou zoomorfos ou com os formados por vasos sobre quatro rodas (*Kesselwagen*), temos diversos indícios da existência de verdadeiros locais de culto estabelecidos tanto no interior quanto no exterior dos povoados. À primeira categoria pertence o longo recinto oval de Acy-Romance (70x12m) que continha uma grande cabana (20x5m) junto a um recinto de dimensões mais limitadas (22x7m) que, por sua vez, encerrava uma estrutura com funções culturais (Fig. 18); à segunda podemos atribuir o fosso em anel com paliçada realizado ao redor de uma estela lítica de Cakovice, na Boêmia, e Civeaux, na França centro-ocidental, localidade em que foram identificadas centenas de estruturas que consistiam em fossos circulares colocados ao redor de tumbas de incineração ou delimitados por estacas e recintos quadrangulares com fossas anexas para oferendas (Lambot 1988; Pare 1992; Briard 1994; Randsborg 1995).

O já citado pequeno carro de Strettweg, cuja grande figura feminina colocada no centro foi identificada como um tipo de divindade (mas outras figuras femininas estilizadas são representadas em vasos das tumbas da contemporânea necrópole austríaca de Sopron), é um dos poucos documentos que lançam luz sobre a religião do período hallstattiano, cujos locais de culto nos cumes das montanhas convivem com grutas onde era praticado o sacrifício humano (em Byci-Skala, na Morávia) e outras estruturas definidas “santuários”, como Aiterhofen, na Baviera. O local de culto mais importante é, porém, o do grande povoado de Zavist, em cuja acrópole, destinada a se tornar o centro público do futuro *oppidum* celta, foi construído, na metade do século VI a.C., um santuário retangular (30x27m) que tinha ao lado uma fila de casinhas menores (Fig. 19a), destinado a ser substituído, no século V a.C., por uma grande área de templo com fundações de pedra com pelo menos 75x65m (Fig. 19b). Olivier Buschenschutz corretamente observou como a associação entre santuário, “fórum” e fortificação que se pode observar em Zavist era típica de todas as cidades mediterrâneas contemporâneas, uma prova ulterior do caráter proto-urbano do grande centro boêmio (Buschenschutz 1988; Megaw, Megaw 1989; Motyková *et al.* 1988, 1991; Randsborg 1995).

Nesse campo é possível perceber importantes desenvolvimentos também nas partes do continente que não conhecem nenhum tipo de organização proto-estatal. Na Grã-Bretanha, por exemplo, as atividades ligadas ao culto transferem-se para o interior dos *hillforts* a partir do século VII a.C., enquanto na Dinamarca se difundem estatuetas de guerreiro de bronze com elementos dourados (os olhos), segundo alguns autores, associados a pequenos barcos de madeira recobertos de ouro como os encontrados em Thosupel. Recipientes de bronze, espetos, fivelas e ganchos para carros, enfim, atestam a difusão da prática do banquete ritual em toda a Europa atlântica (Bradley 1991; Briard 1994).

Contrariamente à opinião de muitos estudiosos, que consideram a ideologia como um aspecto “super-estrutural”, estreitamente ligado à evolução dos fenômenos econômicos e sociais, a religião parece ser um dos mais importantes elementos que fundam e, ao mesmo tempo, legitimam a complexa estrutura das comunidades do primeiro milênio a.C. Junto com os reis, os nobres e os mestres artesãos sob sua dependência, os sacerdotes vêm, assim, completar o rico e articulado “cenário social” que a proto-história tardia entrega às civilizações arcaicas.

	EGEO	ITALIA	EUROPA CENTRALE	SCANDINAVIA
2300 A.C.	ELLADICO ANTICO III	BRONZO ANTICO 1	BRONZEZEIT A1	TARDO NEOLITICO 1
1700 A.C.	MESOELLADICO	BRONZO ANTICO2	BRONZEZEIT A2	TARDO NEOLITICO 2
		BRONZO MEDIO 1	BRONZEZEIT B1	PERIODO I
	TARDO ELLADICO I			
	TARDO ELLADICO II	BRONZO MEDIO 2	BRONZEZEIT B2	PERIODO II
	TARDO ELLADICO IIIA	BRONZO MEDIO 3	BRONZEZEIT C	
1350 A.C.	TARDO ELLADICO III B	BRONZO RECENTE	BRONZEZEIT D	PERIODO III
TARDO ELLADICO IIIC			HALLSTATT A1	
1200 A.C.	SUBMICENEO	BRONZO FINALE 1		PERIODO IV
		BRONZO FINALE 2	HALLSTATT A2	
	PROTOGEOMETRICO	BRONZO FINALE 3	HALLSTATT B1	
975 A.C.	GEOMETRICO ANTICO	PRIMO FERRO 1	HALLSTATT B2	PERIODO V
850 A.C.	GEOMETRICO MEDIO			
	GEOMETRICO TARDO			
750 A.C.		PRIMO FERRO 3	HALLSTATT C	PERIODO VI
625 A.C.		PRIMO FERRO 4	HALLSTATT D	
525 A.C.				

Fig. 1 – Esquema de cronologia comparada entre as sequências do Egeu, da Itália, da Europa central e da Escandinávia, com indicação da datação absoluta (dados elaborados por Peroni 1994a; Randsborg 1996; Carancini *et al.* 1996)

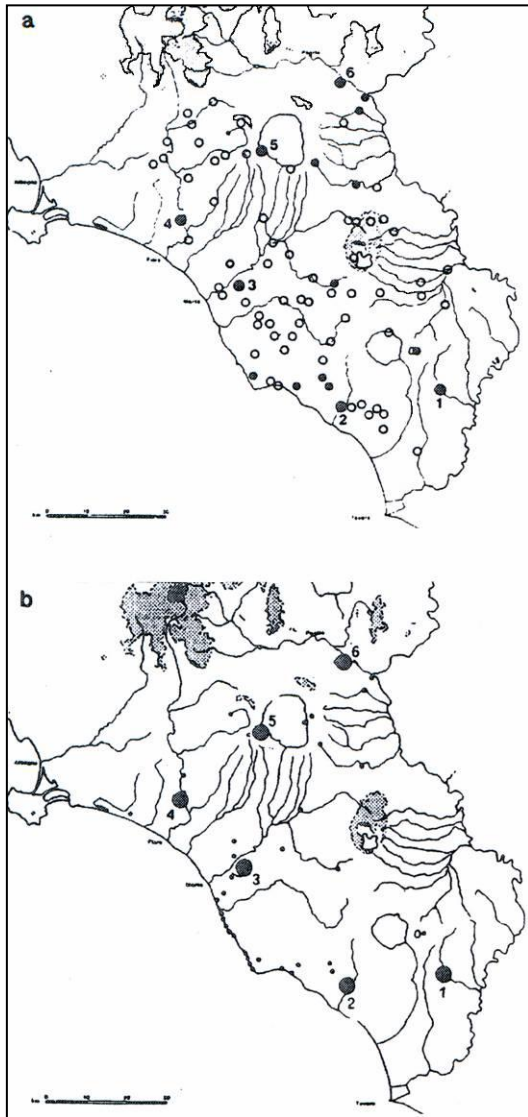


Fig 2 – Etrúria meridional. a: centros que são abandonados no final da Idade do Bronze (círculos vazios) e centros que continuam na primeira Idade do Ferro (círculos cheios). b: centros proto-urbanos (Veios n. 1, Cerveteri n. 2, Tarquínia n. 3, Vulcis n. 4, Bisêncio n. 5, *Volsinii/Orvieto* n. 6) e centros menores da fase antiga da primeira Idade do Ferro (em Bietti Sestieri 1997).

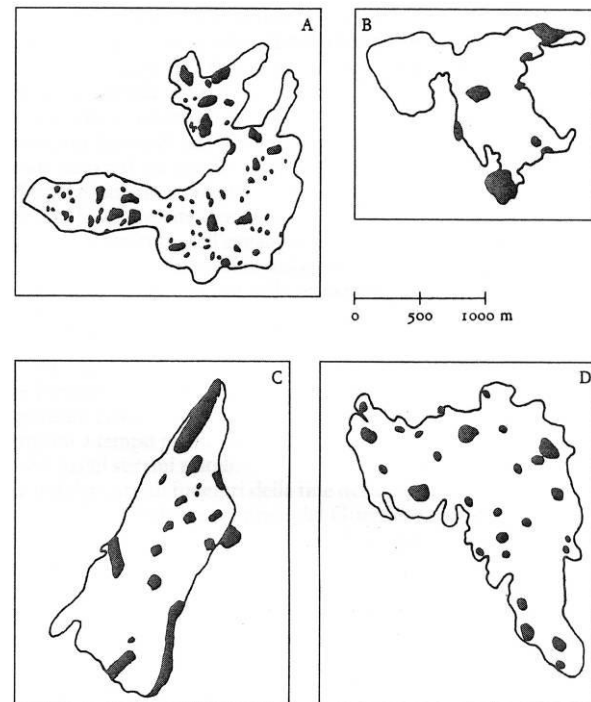


Fig. 3 – Distribuição dos restos cerâmicos da primeira Idade do Ferro individuados nos planaltos ocupados pelos quatro maiores centros proto-urbanos etruscos (A: Tarquínia / B: Vulcis / C: Cerveteri / D: Veios; em Carandini 1997).

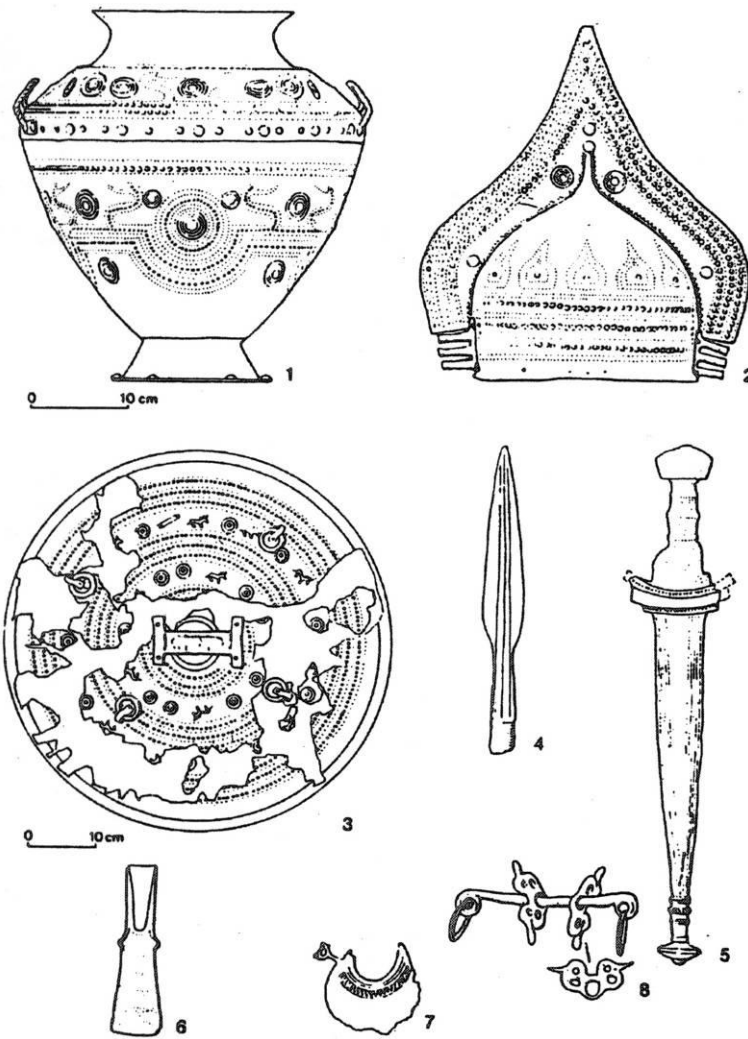


Fig. 4 – Alguns dos objetos de bronze contidos na tumba AA1 da necrópole veiene das Quattro Fontanili. 1: ânfora decorada com o motivo da “barca solar” usada como cinerário / 2: elmo com crista / 3: escudo / 4: ponta de lança / 5: espada com bainha / 6: machado / 7: navalha / 8: freio equino (em Bartoloni 1989).

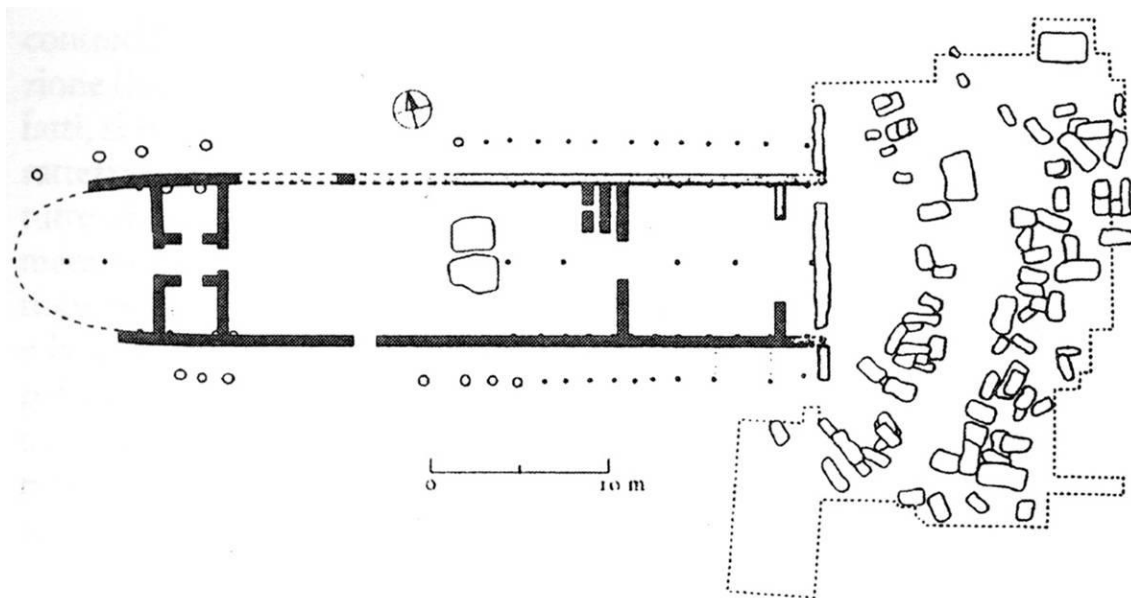


Fig. 5 – Planta do edifício construído sobre as duas tumbas mais ricas da necrópole de Lefkandi; note-se a diferença entre as suas dimensões e aquela das outras sepulturas (em Settis 1996).

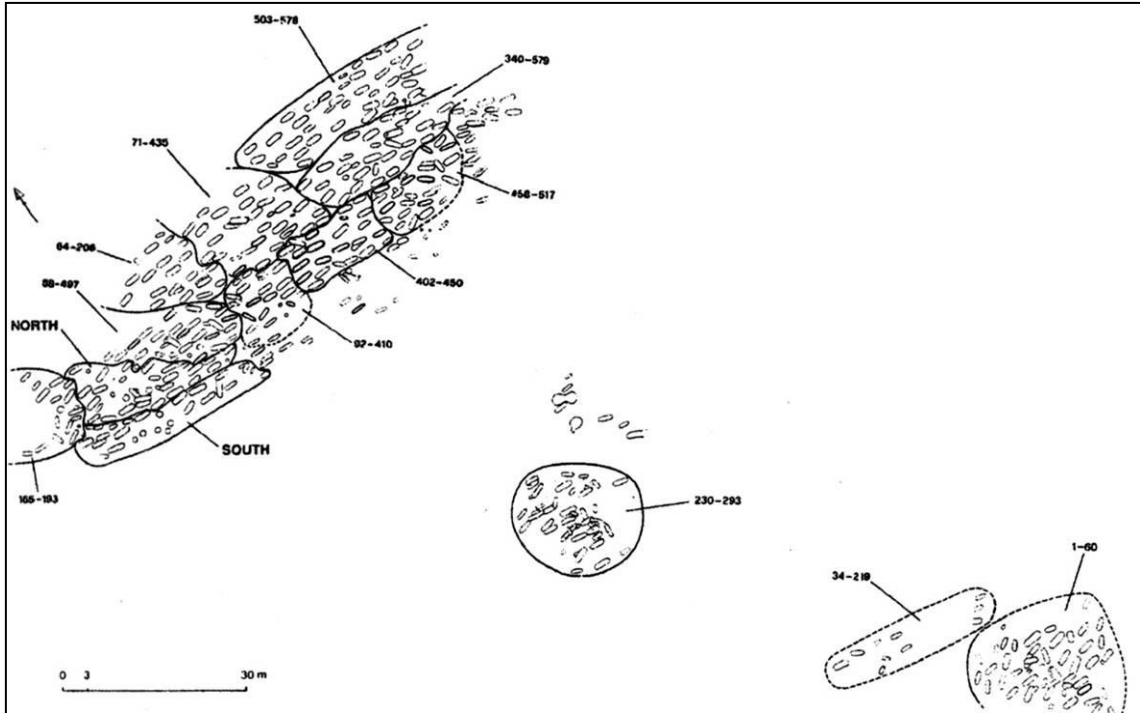


Fig. 6 – Planta da necrópole de Osteria dell’Osa com indicação dos vários agrupamentos de sepulturas; note-se a disposição das tumbas dos grupos Norte e Sul, no alto, à esquerda, e aquela das tumbas 230-293, pertencentes à fase recente da primeira Idade do Ferro (em Bietti Sestieri 1992b).

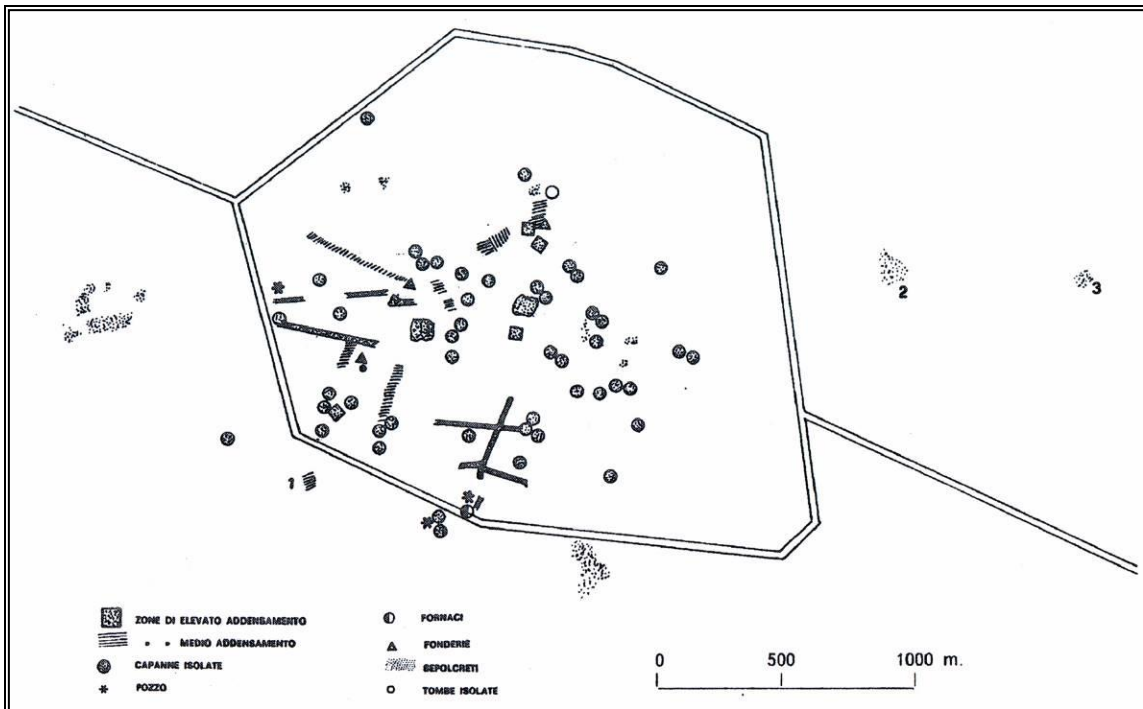
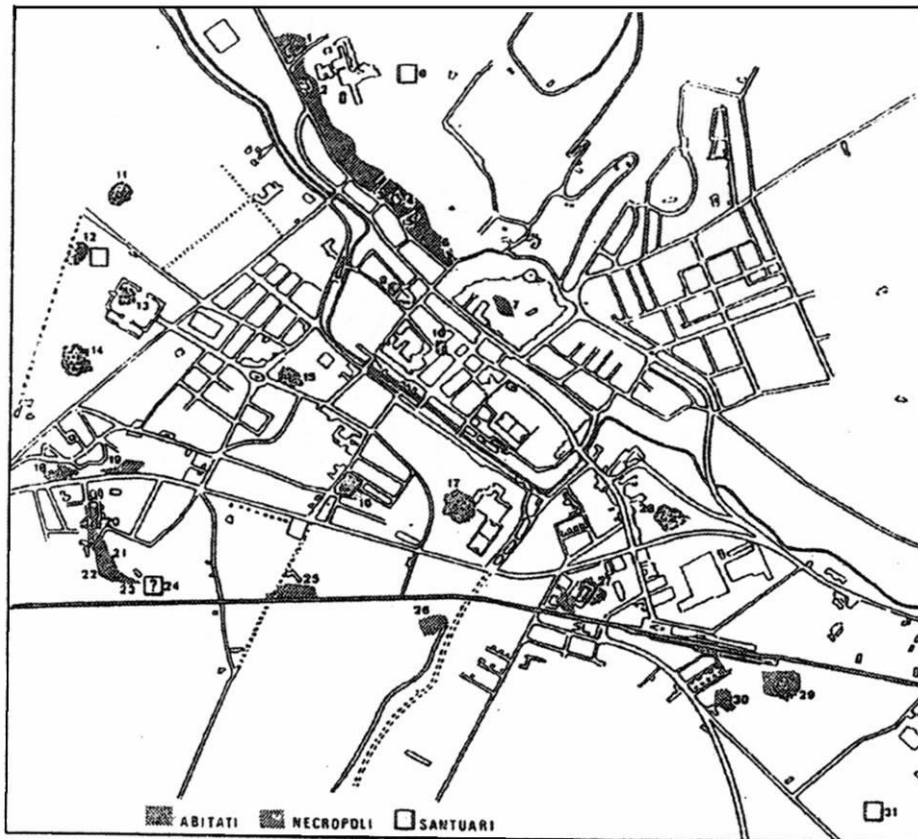
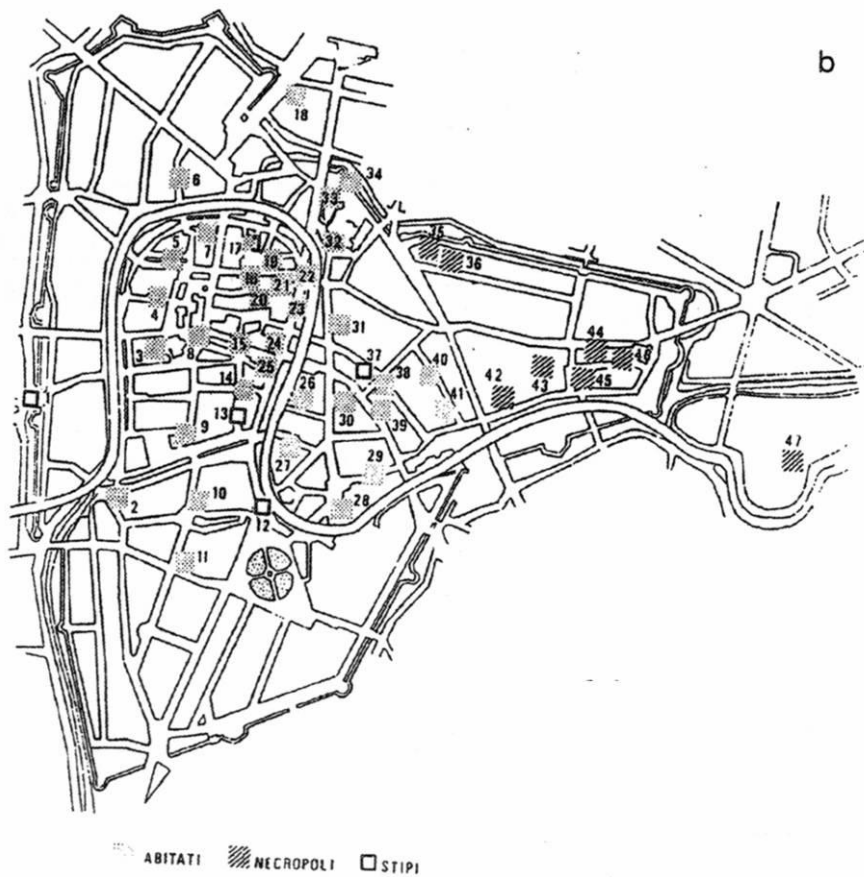


Fig. 7 – Distribuição dos vários tipos de achados da primeira Idade do Ferro em Bolonha (em Peroni 1989).



a



b

Fig. 8 – Distribuição dos vários tipos de achados da Idade do Ferro em Este (a) e em Pádua (b; em Capuis 1993).

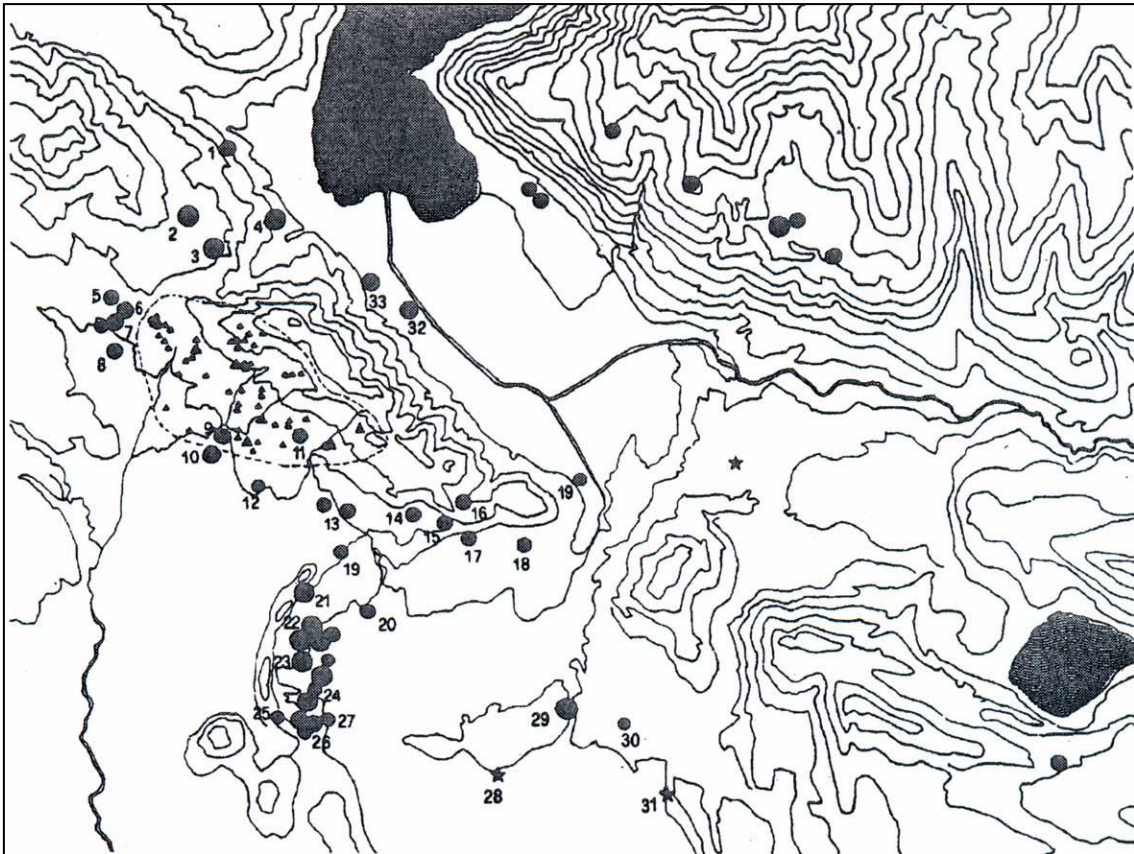


Fig. 9 – O conjunto proto-urbano de Como. Os pequenos triângulos indicam os achados de povoado (cuja extensão máxima imaginada para o séc. VI a.C. é dada pela linha tracejada), os círculos indicam os achados de necrópoles (em De Marinis 1996).

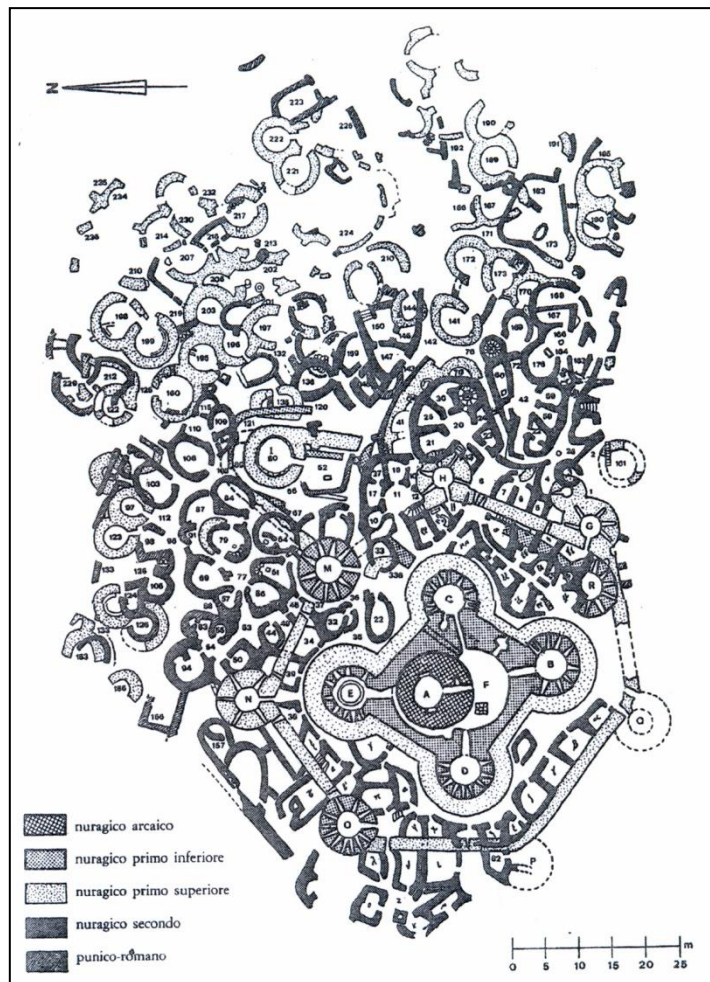


Fig. 10 – Planimetria da aldeia nurágica de Barumini, que alcança a máxima extensão no decorrer da Idade do Ferro (em AA.VV. 1990b).

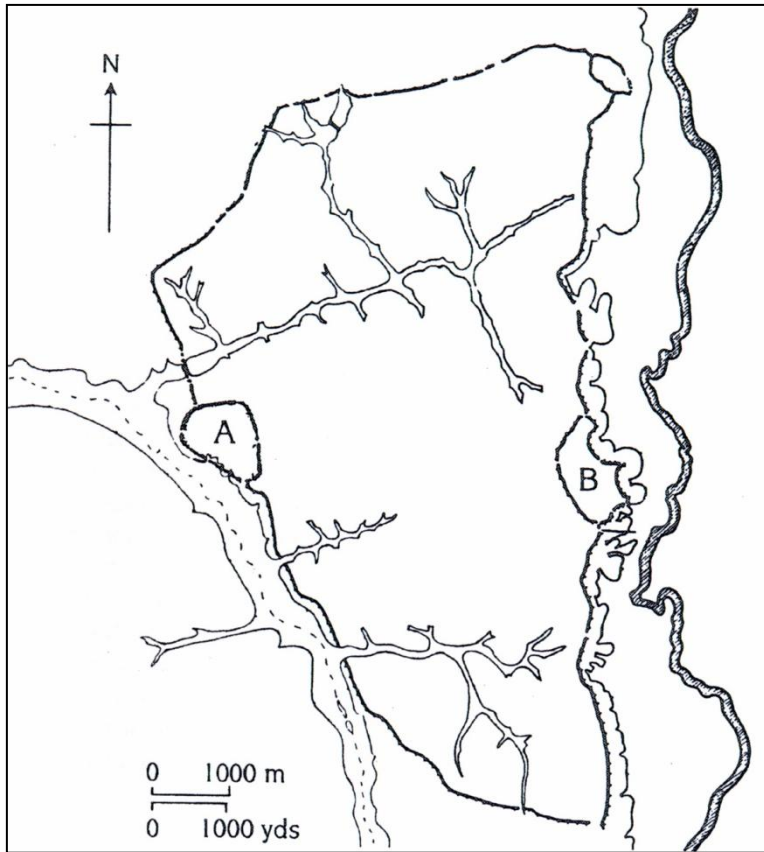


Fig. 11 - Planimetria da muralha defensiva de Bel'sk com indicação da posição dos dois fortes (A e B; em Taylor 1994).

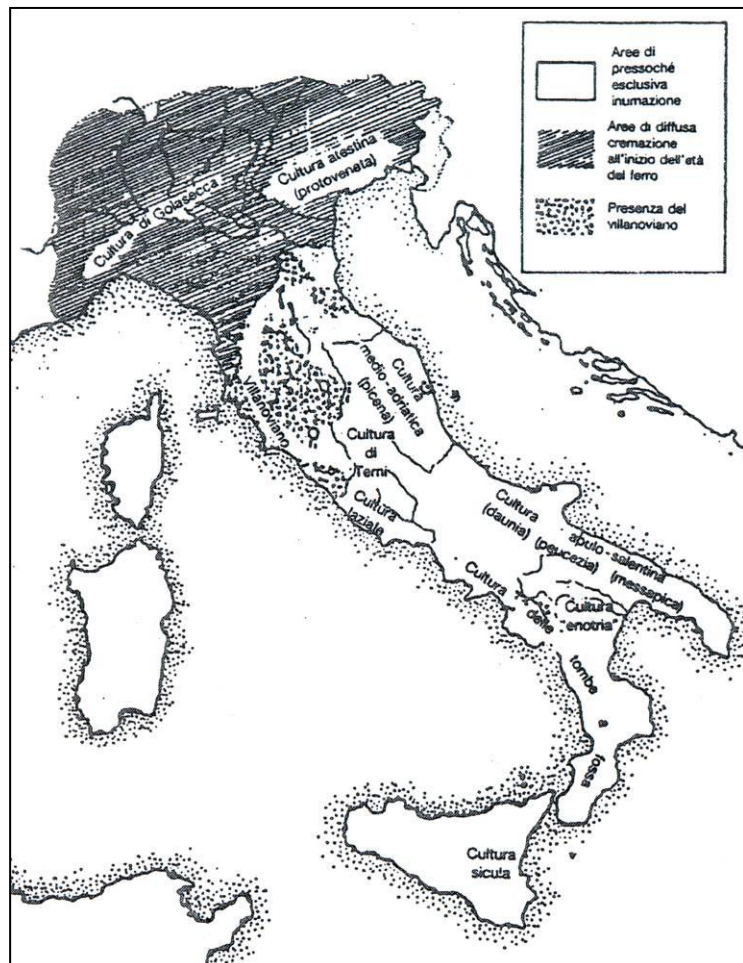


Fig. 12 - Distribuição das principais culturas arqueológicas italianas do início da Idade do Ferro (em Pallottino 1981).

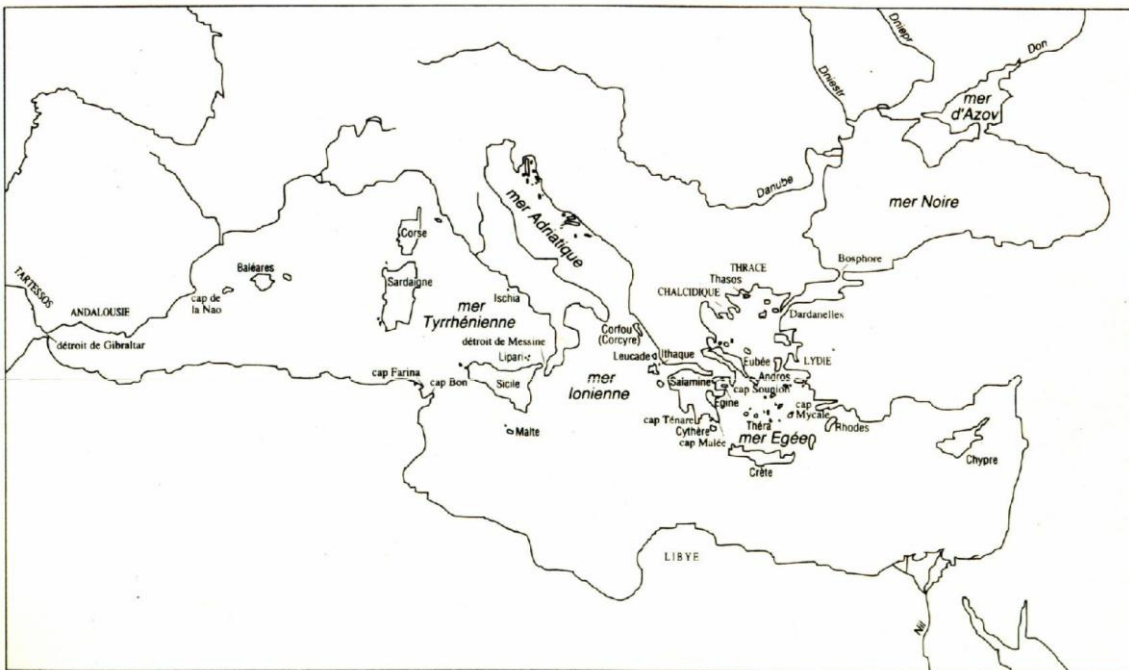
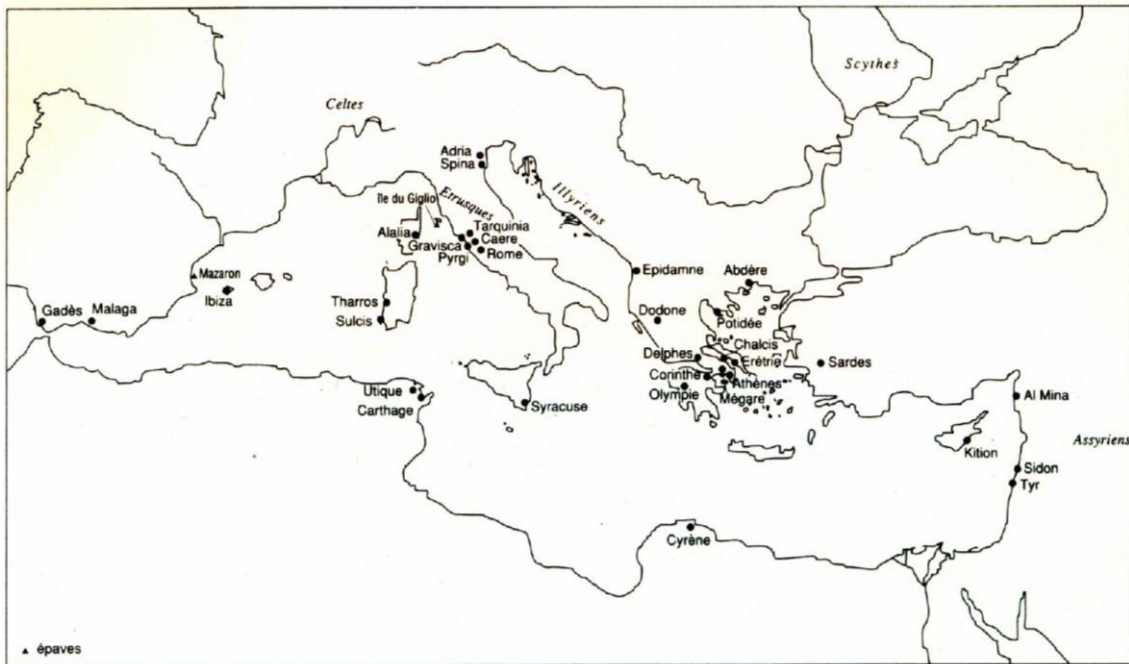


Fig. 13 – Áreas de difusão das línguas da Itália antiga (em Pallottino 1981)

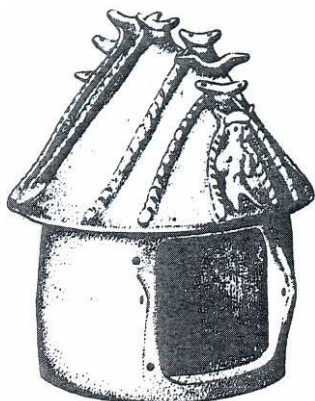


Fig. 14 – Urna em forma de cabana com figurinha humana no espaço “frontal”, de proveniência lial (em Menichetti 1988).



Fig. 15 – Desenvolvimento da decoração da sítula encontrada na tumba 126 da necrópole Benvenuti, em Este (em AA.VV. 1962).

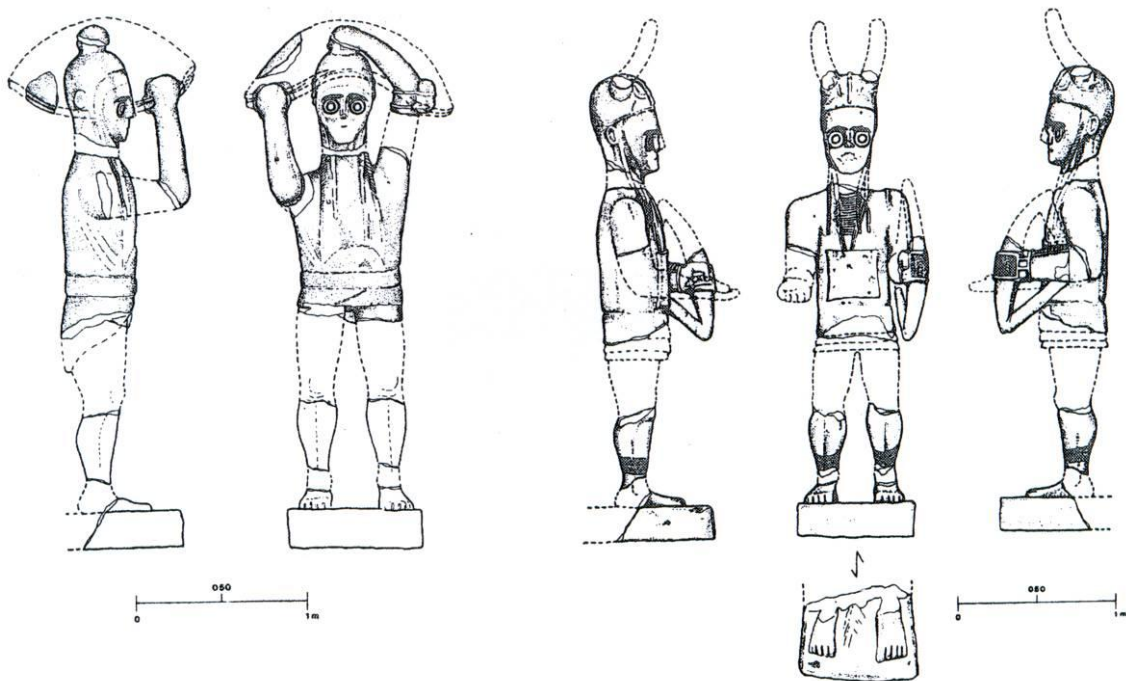


Fig. 16 – Reconstrução gráfica das duas estátuas, de pugilista (à esquerda) e de arqueiro (à direita), encontradas no Monte Prama, perto de Oristano (em AA.VV. 1990b).

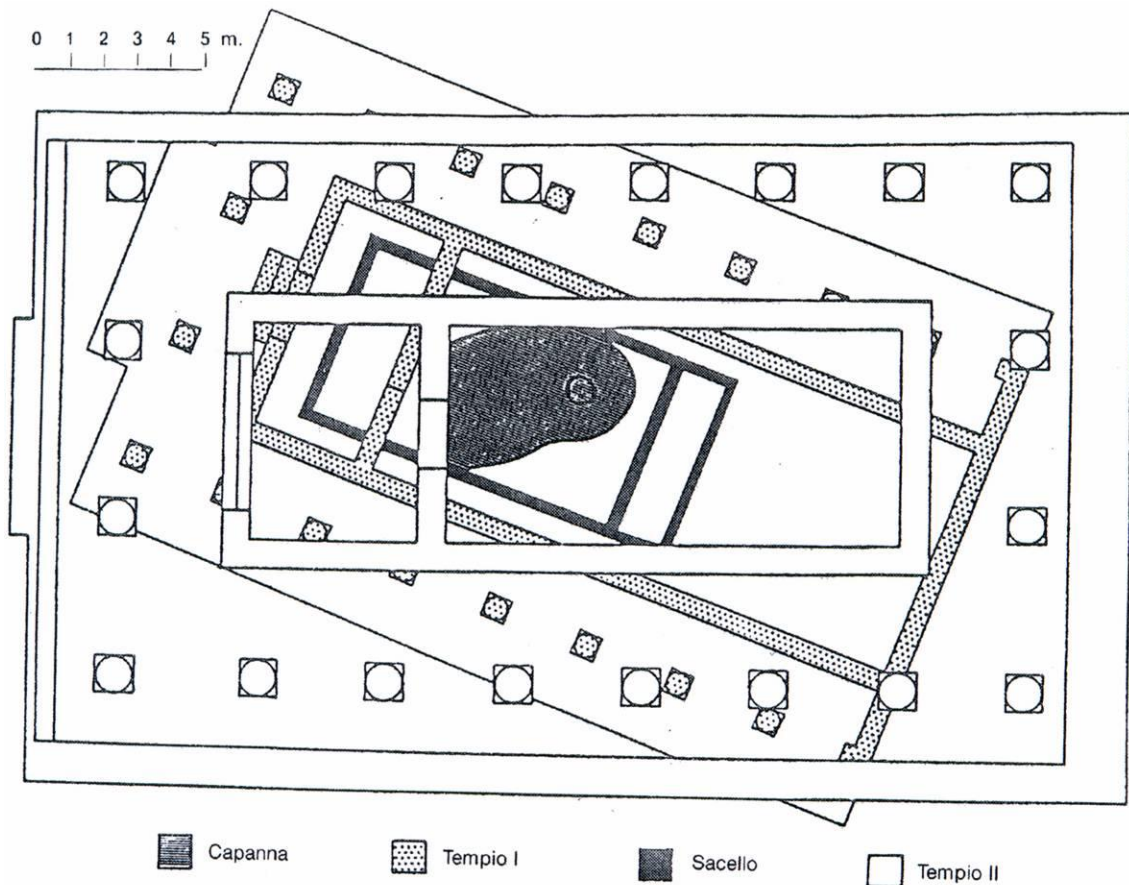


Fig. 17 – *Satricum* (Latina). “Fundo de cabana” da primeira Idade do Ferro abaixo das diversas estruturas de templos antigas (em Peroni 1989).

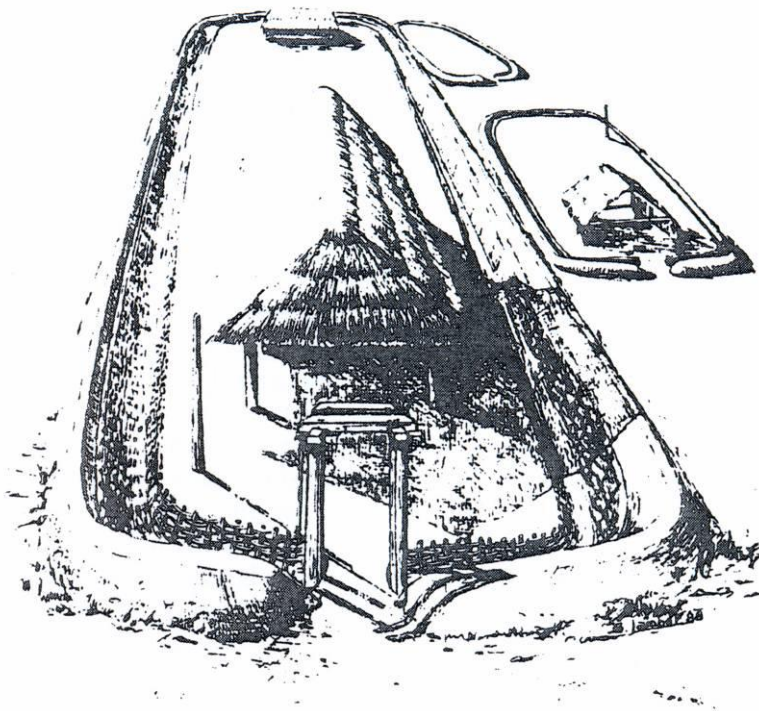


Fig.18 – Reconstrução do aspecto da área “santuária” de Acy-Romance (em Lambot 1988).

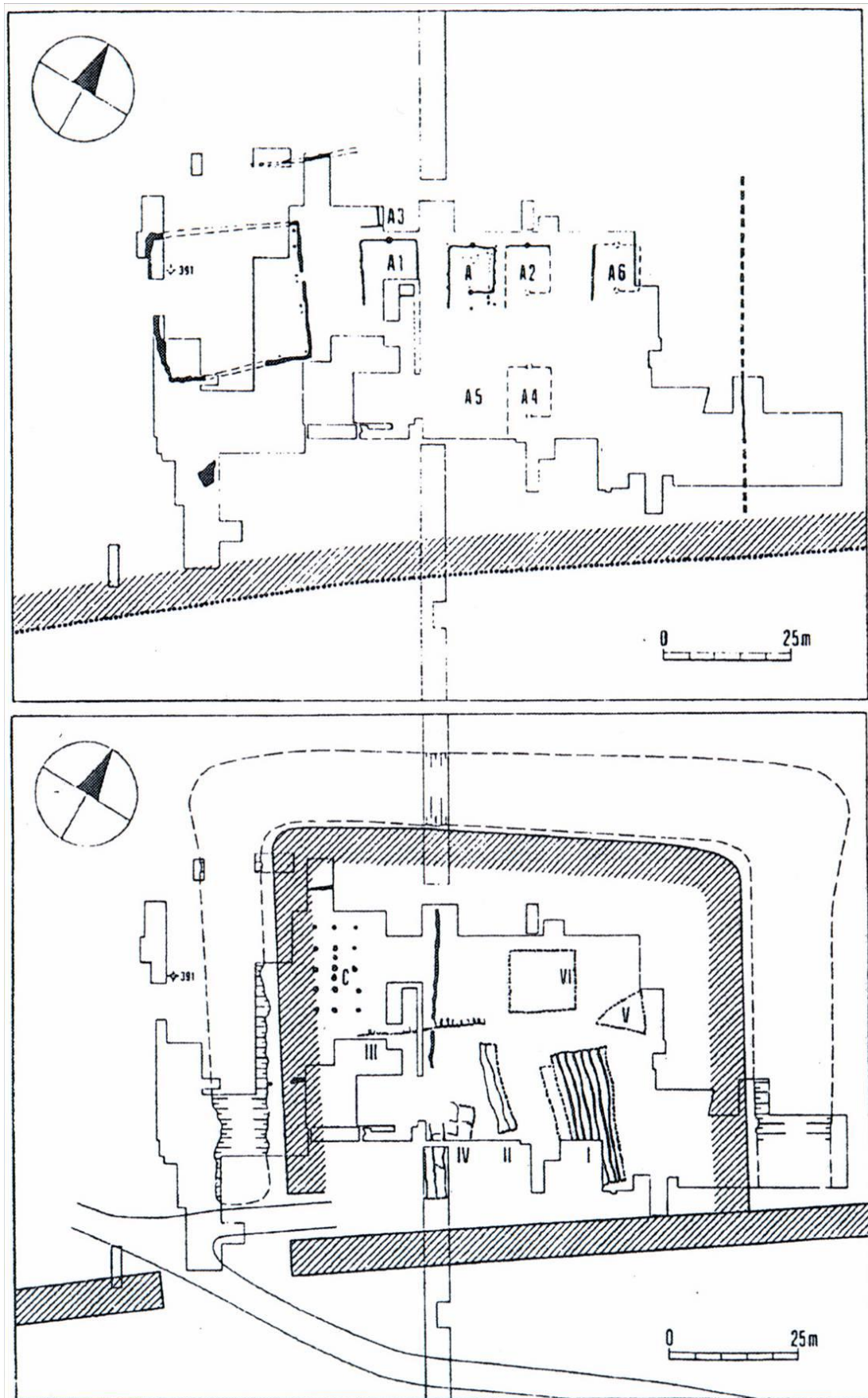


Fig. 19 – Planimetria dos santuários da acrópole de Zavist na fase mais antiga, da metade do século VI a.C. (no alto), e na mais recente (embaixo), do século V a.C. (em Randsborg 1995).